

UM NOVO MODO DE PERCEPÇÃO DA DOCÊNCIA

A NEW MODE OF PERCEPTION OF TEACHING

Thais Kinalski

Secretaria Municipal de Educação de Ijuí, Ijuí, RS, Brasil. E-mail: thaiskinalski@gmail.com

Laércio Franscesconi

Secretaria Municipal de Educação de Ijuí, Ijuí, RS, Brasil. E-mail: laerciofrancesconi12@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.46550/amormundi.v3i1.155>

Recebido em: 02.06.2022

Aceito em: 19.08.2022

Resumo: Este artigo tem como objetivo abordar como nos constituímos. Somos seres de cultura e numa sociedade pelo que é instigado em nós pela linguagem, possibilitando sermos criados por outros. Na mediação do outro é possível nos tornarmos sujeitos, nos construímos e reconstruímos. Cada ser tem sua perspectiva própria e sempre nova. Os conteúdos da escola são “impostos” e cada aluno tem sua percepção do que é fundamental para si mesmo. Cabe ao professor mostrar que alguns conteúdos também são válidos e podem ser criticados e revisados. Se os sujeitos têm uma cumplicidade é possível aprender de acordo com uma perspectiva própria. Assim como o aluno aprende, o professor também aprende a partir do “fluxo comunicativo” com seus alunos.

Palavras-chave: Educação. Constituição. Interação. Linguagem. Sociedade.

Abstract: This article aims to address how we constitute ourselves. We are beings of culture and in a society for what is instilled in us by language, enabling us to be created by others. In the mediation of the other, it is possible to become subjects, we construct and reconstruct ourselves. Each being has its own and always new perspective. The school's contents are “imposed” and each student has his/her perception of what is fundamental for him/herself. It is up to the teacher to show that some content is also valid and can be criticized and revised. If the subjects have a complicity, it is possible to learn according to their own perspective. Just as the student learns, the teacher also learns from the “communicative flow” with his students.

Keywords: Education. Constitution. Interaction. Language. Society.

1 Introdução

Sabemos que nós humanos vivemos num tempo e espaço, temos nossa natureza como seres biológicos, mas ainda nos constituímos de acordo com a cultura da sociedade. Somos seres biológicos e nos tornamos humanos com a educação passada por outros humanos, assim é a construção humana com seus pensamentos e crenças histórico-culturais. Assim sendo,



a educação nos insere na cultura e como seres sujeitos da nossa construção histórica, podemos alterá-la criticamente. O homem, construindo sua história, não pode deixar de considerar seu passado e, também, os limites que os impõe. Somos humanos, e diferente de animais e vegetais, somos seres capazes de serem educados, de mudar nossa forma de pensar e agir. Conviver e aprender nos dá a capacidade de mudar, não ficar na mesmice, conforme o que os outros dizem. Podemos alterar nosso futuro de acordo com as nossas certezas, ou o que achamos que é certo. A escola tem papel importante no futuro dos homens, então é preciso ter fundamentos e certezas para educar conscientemente.

O nosso saber, nossa forma de viver é uma construção coletiva. Não decidimos sozinhos, mas de acordo com a sociedade. O trabalho docente ou de uma instituição educativa deve compreender a condição humana, porque educar, e como educar. O mundo, que imprime razões de educar, que vai ditar como será realizada a educação. Os humanos são desprendidos do modo instintivo e isso faz com que possamos agir e interagir de acordo com nosso pensamento, mesmo não sendo uma necessidade. Nos inventando, através do conhecimento, vamos construindo o mundo humano, que é resultado do modo de ser e interagir.

2 A educação transforma

A educação faz o humano entrar na cultura, nas suas realizações simbólicas e materiais. Com a cultura e a sociedade nos constituímos sujeitos. Vivemos, portanto, num mundo comum, mas temos nossa própria opinião, e isso nos faz perceber as coisas, os valores, ter preferências diferentes dos outros que vivem no mesmo mundo humano. A filosofia torna a nossa experiência no mundo humano mais reflexiva, mais razoável, em que devemos ter em mente todas as possibilidades de uma dada questão, pois estamos num mundo de interações entre nós e com o meio. Desobedecendo aos nossos instintos, podemos fazer nossas próprias escolhas, o que pode ter riscos. Assim o próprio homem constitui o seu mundo, definindo como realiza a sua condição humana.

Assim como tem suas próprias escolhas, deve pagar por escolhas inconsequentes em relação ao mundo humano, de acordo com as leis, com a justiça, a ética e a política. A filosofia diz que temos dois critérios (pensamentos) para saber o que é razoável: a metafísica e a pós-metafísica. A metafísica diz que só temos uma verdade baseada em algo dado, na pós-metafísica considera-se as perspectivas dos sujeitos envolvidos, sabendo que ninguém está certo. A metafísica nos dá a solução, de certa forma, sob algo anterior à constituição humana. Na pós-metafísica a única alternativa é continuar se inventando. A ciência é a que melhor explica nossas possibilidades, portanto a melhor a ser seguida. Para educarmos os outros é preciso definir as verdades que pretendemos acreditar e nossas regras sendo recíprocos, baseado no pensamento pós-metafísico.

Pela nossa fala podemos interagir com os outros, mas nossas ideias nem sempre serão as mesmas. Se eu falo uma palavra, essa pode ter um significado para mim e outro para a pessoa que ouve. A condição humana não é constituída pela natureza, e sim, pelos sonhos. Pois pela natureza somos seres imutáveis. A condição humana nos deixa mudarmos nossas escolhas de vida. Os humanos levam consigo e aprendem a experiência histórica através de gerações passadas pela competência pedagógica; mas os humanos podem e vão reformulando conforme suas condições de vida, na interação com os outros. Os seres humanos são criativos e isso é levado para a

aprendizagem que sempre está se renovando. Isso nos faz entender que, cada ser aprendente tem sua perspectiva de vida, mesmo tendo os mesmos “conhecimentos” dos outros.

A educação universal é um direito de cada pessoa para que ela se torne cidadã do mundo. E a educação superior “não obrigatória” proporciona a entrada no mercado de trabalho. A educação implica que nossos conhecimentos e visão de mundo mude. A ética e a educação andam juntas quando é transmitido a história e a cultura às novas gerações. Na nossa interação acontece a educação e se produz as personalidades.

O ser humano está ligado no mundo por padrões impostos pela sociedade que modificou os instintos, mas esses padrões são possíveis de serem alterados com ousadia. O futuro é nós mesmos que escolhemos de acordo com o que fazemos com nossas vidas. E o (nosso) mundo assim vai se constituindo. Essa desobediência dos instintos é o que nos diferencia de outros animais e nos dá com a razão, a racionalidade humana. A racionalidade também será estabelecida de acordo com a sociedade, estando em um mundo com outros sujeitos que tem suas visões distintas, e é preciso ter ética para conviver com os outros. Ao aprender, já que estamos em constante aprendizado, nos refazemos continuamente. Podemos mudar nossa cultura, a paisagem natural e, assim, vamos constituindo a sociedade, estabelecendo modos e regras para interações. Segundo Casagrande (2009, p. 65)

Em toda atitude comunicativa, que tenha como fim o entendimento, qualquer pessoa que efetuar um ato de fala deverá apresentar pretensões de validade que possam ser defendidas. Por isso, deverá proceder comunicativamente de forma que possa ser compreendida, escolhendo uma forma de expressão inteligível. Da mesma forma, deverá ter a intenção de comunicar uma proposição verdadeira, de modo que seu discurso seja digno de confiança à medida que respeite as normas e os valores vigentes, para que falante e ouvinte possam se entender mutuamente.

Quando pensamos em educação, queremos que ela se concretize razoavelmente. Com o estabelecimento de currículos escolares, temos posto o que cada ser precisa aprender em cada faixa etária para estar dentro das normas estabelecidas como prioritárias. A ação de educar está ligada a humanizar, tornar os animais em humanos. Cada tempo da história pode variar como será a educação e como se dará a educação. Serão diferentes processos pedagógicos de aprendizagem dependendo da época, de cada geração, da razão dos seus docentes.

3 Paradigmas na educação

Na filosofia podemos reconhecer diferentes paradigmas para a educação. Os paradigmas não se sucedem, eles operam na medida dos indicadores, das possibilidades de mundo de acordo com nossas apostas.

Colocamos aqui a questão dos paradigmas não apenas no âmbito da evolução das ciências singulares ou de setores da atividade humana, mas no sentido abrangente de toda ação humana e de todo conhecer em seus eixos de mudanças mais radicais, não estritas, esporádicas ou parciais. E a colocamos, ao mesmo passo, sob o signo da permanente reconstrução histórica em que os paradigmas não se sucedem apenas, mas se interpenetram e permanecem na novidade de nova estruturação na cultura e nas cabeças, necessitados de se distinguirem para sabermos qual deles nos comanda (MARQUES, 1992, p. 548).

No paradigma das essências, a filosofia só existe porque um humano buscou conhecer o conhecimento. As essências querem dizer que a educação é passada para outras gerações a partir da essencialidade das coisas, do que é essencial em cada cultura, o que é verdade no mundo. Cada ser humano vai interagir com o outro de acordo com o que sua cultura acredita. A educação conduz essa cultura, com a transmissão e a memorização do que está posto.

No paradigma da razão subjetiva a referência é que o homem moderno usa sua racionalidade. Para comprovar a razão, cresce as ciências da natureza e a evolução tecnológica. Os conhecimentos podem ser interferidos. O mundo é constituído pela racionalidade humana e ela pode transformá-lo. A educação forma os indivíduos para isso, com potencial criador do pensar e fazer. É necessário ensinar tudo a todos.

Pensamos aí, no paradigma da comunicação, a linguagem na constituição do ser humano. O humano tem argumentos, entendimentos, o que pode ser mudado com diálogos, quando o mesmo está aberto para que isso ocorra. O professor precisa estar preocupado se conseguiu fazer seus alunos criarem competências comunicativas ou argumentativas. Para isso é necessário um diálogo, uma interação aluno e professor nas práticas pedagógicas. O mundo se produz nessas interações.

4 Considerações finais

O que nos diferencia de outros animais é a linguagem, a comunicação que temos com outros indivíduos da mesma espécie. Para dialogar com o outro entendemos que ele consiga decifrar o que falamos, mesmo não tendo a garantia de ser verdade. Quando falamos com o outro temos nossa interpretação sobre o assunto, e o outro tem a sua interpretação/visão de acordo com suas experiências/reflexões. Ao se comunicar com o outro, podemos rever nossas percepções e elaborar outros sentidos de acordo com nossa fala. Não é uma mera transmissão de comunicação.

O agir comunicativo é um importante recurso que a humanidade possui diante do desafio contemporâneo de, no plano do mundo objetivo, validar racionalmente um conhecimento, no plano do mundo social, coordenar as ações e legitimar as normas válidas, e no plano do mundo subjetivo ou da personalidade, estabilizar identidades pós-convencionais. A ação comunicativa pleiteia a proposta de uma intersubjetividade da ação social, mediante a qual os sujeitos se unem pelas estruturas da língua e buscam se compreender mutuamente, coordenar as ações e se socializar pelo recurso à linguagem (CASAGRANDE, 2009, p.160).

Por meio da comunicação ocorre a aprendizagem humana. Pelo conhecimento, o professor faz sua atuação pedagógica, dentro de sua própria aprendizagem. É esperado do professor que ele tenha os conhecimentos, sua experiência com sentido para seus alunos. Ao ir para a sala de aula, o professor refaz suas percepções para recriar o saber com (a partir dos) seus alunos. A situação pedagógica é o fato de que o professor e o aluno aprendem pelo diálogo, pela interação (situação epistêmica). Os conhecimentos são testados de acordo com a significação (final) das percepções de cada um. Sem a apropriação e o aprimoramento do saber não se formam sujeitos que mantêm as tradições culturais. O professor ensina, faz uma revisão do saber e faz uma situação de reaprendizagem. Sem o professor não tem ninguém para fazer a pedagogia. O professor pensa no futuro de seus alunos, mesmo este não vendo necessidade dos aprendizados,

ele então (o aluno), tem uma sensação de perturbação.

Ser professor, educador, nos faz pensar num mundo que tem continuidade, que passamos o que sabemos a outros humanos e isso se dará continuamente e como outros sujeitos que virão futuramente. A aprendizagem é algo que nos transforma e nos constitui segundo as percepções que temos na interação com o outro. A pedagogia tem o sentido de conduzir o conhecimento do mundo ao outro, e por meio dela é posta ao docente essa condição. Mas, o docente precisa estar apto para educar, tendo uma experiência com o conteúdo a ser ministrado e oportunizando aos alunos a compreensão de que o mesmo é importante. O professor necessita, antes de iniciar uma aula, aprender o conteúdo e saber da importância do mesmo para que a aprendizagem seja significativa. Para que isso aconteça, o professor precisa ter uma cumplicidade com seus alunos, sabendo o que estão realmente aprendendo, envolvendo-os nas atividades e se comunicando, considerando todas as reflexões. Para que o aluno realmente aprenda, ele precisa sair da aula modificado, e isso se dá se há uma disposição e uma disciplina por parte dele.

É a paixão pelo homem que faz o educador. Apesar das desigualdades e angústias, o autêntico professor acredita no homem que está no aluno e busca conferir-lhe o imenso privilégio de acreditar em si. Currículos, programas, matérias e materiais do ensino, metodologias e técnicas: tudo o mais são apenas pretextos para a densidade da relação que se estabelece entre homens que se respeitam e admiram. Constituem-se a docência e a aprendizagem no relacionamento pedagógico da palavra, da ação e da ação da palavra, pelas quais os sujeitos se fazem singularizados em sua genericidade humana (MARQUES, 1995, p. 123).

Os seres humanos não sabem tudo, estão em constante aprendizado. Para isso, é preciso pesquisar; a pesquisa tem um interesse por parte de quem pesquisa, que o resultado será aprendido. A espécie humana tem possibilidade de buscar novos conhecimentos e se refazer diversas vezes, assim aprendendo, mudando de um estado de animalidade para aprendente, e isso implica ter autodeterminação (disciplina). “A disciplina começa sempre com uma determinação alheia e deveria terminar em autodeterminação. Da disciplina deve sempre surgir a autodisciplina. A disciplina na educação apenas se legitima por meio do amor para com crianças e jovens” (BUEB, 2008, p.18). A educação se dá, pois, é transformadora da constituição dos sujeitos. Depende do contexto histórico em que o humano está inserido, sua aprendizagem e estabelecimento da cultura será diferente. As escolas “servem” para que as pessoas aprendam. Com as demandas da sociedade, a aprendizagem tem ritmo acelerado e básico, sem aprofundamentos. Fora da escola, o aluno poderia estudar e aprofundar o conhecimento passado, mas não o faz pois não considera importante ou necessário futuramente.

É necessária uma disciplina intelectual, lembrando que para isso temos que ter empenho, determinação e esforço, percebendo que no futuro há um benefício dessa nossa atitude. Ao ensinar o “básico”, sem aprofundamento, sem uma disciplina intelectual, corremos o risco de a formação não ser completa. Ao nos tornarmos professores, o que passaremos de conteúdo aos nossos alunos também será defasado, e com a influência dos sistemas de ensino meramente burocráticos. É preciso ter respeito humano para educar, pensar que estamos educando pessoas que vão educar outras e assim por diante. Mas se não há esse respeito os alunos ficam descrentes de aprender e buscar conhecimentos, ter uma disciplina. O professor, criando sentidos para a formação de seus alunos, recupera a vontade de aprender deles e gera conhecimentos.

A convivência entre as pessoas precisa ter ética, e para isso é necessário que o mundo

tenha critérios vinculados à história dos homens. O mundo humano, portanto, é a razão dos processos de formação e questão principal da filosofia, pois é o mundo de uma espécie social e cultural. Percebendo como é o mundo humano, nos tornamos críticos e com critérios, passando a criar uma ética. Ao percebermos isso, nossa vida se torna incerta e temos que aprender a “se-ver-com-os-outros”, nos responsabilizarmos das nossas próprias escolhas. Ao “se-ver-com-os-outros” estamos falando de educação, que aprendemos com as gerações que vieram antes de nós, mas também, pensamos e agimos com autonomia de acordo com o oferecido no tempo presente. Educar então é visto como pensar, como instigar, de acordo com as percepções e possibilidades, agindo eticamente. Na docência podemos visualizar horizontes referenciais éticos que são: o compromisso com o mundo, permitir que os alunos aprendam teimosamente, o exercício da docência como testemunho da própria aprendizagem e colocar o trabalho docente em um mundo aberto a novas possibilidades. É percebido, então, que a docência tem papel fundamental na formação de novos sujeitos e que ela precisa estar pautada na ética.

Referências

BUEB, Bernhard. **Elogio à disciplina**: um texto polêmico. Porto Alegre: Artmed, 2008.

CASAGRANDE, Cledes Antonio. **Educação, intersubjetividade e aprendizagem em Habermas**. Ijuí, UNIJUÍ, 2009.

MARQUES, Mario Osorio. **A aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência**. Ijuí: UNIJUÍ, 1995.

MARQUES, Mario Osorio. **Os paradigmas da educação**. In: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília: MEC-INEP, v.73, n.175, p.547-565, set.-dez. 1992.